

QUILOMBOLAS - Lenda Mineira Inédita – de Carmo Gama

Revista do Archivo Público Mineiro – Volume 9 – 1904 – Fascículos I e II (jan. jun. de 1904)

Direção e redação de Augusto de Lima Júnior

Estudos Críticos feitos pelo Pesquisador Tarcísio José Martins à Publicação

Trata-se de um conto de autoria do jornalista Joaquim do Carmo Gama, natural de Baependi-MG e que, por volta de 1900, residia na vizinha Rio Novo-MG, Sudoeste e Sul de Minas Gerais, respectivamente. Nomeado correspondente oficial do APM pelo presidente do Estado, Dr. Bias Fortes, Carmo Gama também foi sócio fundador da Academia Mineira de Letras e, segundo ele, escritor e jornalista “há quase vinte anos”, tanto no Rio como em Minas.

Veja-se que o título do seu artigo acima citado se refere a uma “*lenda mineira inédita*” e não a uma “*publicação inédita de uma lenda mineira*”. Ora, sendo a lenda uma tradição popular, ou seja, uma narração popular trazida oralmente de pai para filho, evidente o equívoco ou má-fé de se atribuir o ineditismo à lenda e não à sua publicação escrita. Mesmo esta não seria inédita em que pesem as *Cartas Chilenas* de 1788 e a própria carta da Câmara de Tamanduá à rainha, de 1793, apesar de ser esta última um documento 100% ideologicamente falso¹.

Conforme está insinuado e até afirmado várias vezes dentro da própria falsa lenda, trata-se de um mero folhetim, um conto. Tanto que o seu próprio autor, em 1915, viria a publicar esse mesmo artigo como um dos vários contos de seu livro “*Contos Mineiros... Rio Novo*”. Como se vê, apenas pelo fato de ser um conto é que não se pode atribuir a ele um conteúdo ideologicamente falso, apesar do recurso desonesto de seu autor afirmar que “*acabo de extraí-la de um pequeno manuscrito – Apontamentos geográficos e históricos por Janoário Pinto Moreira – que devo à gentileza de meu ilustrado parente e amigo padre Euzébio Nogueira Penido*”² o que, depois de muitos anos de investigação, não temos dúvida de ser um mero recurso aético com que o autor apenas quis atrair verossimilhança para o conto, atestada pelo seu nome de jornalista e pelo nome do padre, seu parente, amigo e político que, na época, realmente militou na região de Itaúna–MG. Hoje, não temos dúvida de que o tal manuscrito nunca existiu, tendo sido inventado pelo contista Joaquim do Carmo Gama.

Trata-se de um contozinho chinfrim, com evidências de que o autor fez alguma pesquisa e compôs alguns personagens (dando-lhes nomes de outras pessoas que encontrou em documentos ou bibliografia), onde, apesar de conotar os episódios às guerras quilombolas de 1746 ou 1759, deixa claro que os de seu conto teriam ocorrido entre 1790 e 1820, colocando em cena até uma espingarda inglesa de dois canos, que só passou a existir após a invenção da espoleta, depois de 1804 na Europa. Sua intenção teria sido a de desassociar

¹ Vide nosso livro “Roubando a História, matando a Tradição: Carta da Câmara da Vila de Tamanduá à Rainha – 1793”.

² Revista do APM, v. 9, 1904, fasc. 3 e 4, jul/dez de 1904, p. 827.

MG QUILOMBO, O QUILOMBO MINAS GERAIS

o seu conto dos fatos históricos reais no tempo, mas, contraditoriamente, foi também a de conotá-lo a espaço específico, informando que “*se o leitor quiser melhor orientar-se tome por ponto a cidade de Araxá, perto da qual se deu a ação principal da narrativa*”. Carmo Gama escreveu em 1904. Apenas o Segundo Quilombo do Ambrósio que se pretendeu atacar em 1759 situava-se mesmo entre as atuais cidades de Campos Altos e Ibiá, que até o ano de 1923 estiveram subordinadas à cidade de Araxá.

Como se disse trata-se de um contozinho chinfrim do qual talvez ninguém tomasse conhecimento, não fosse o fato de a Revista do APM tê-lo publicado sem rotulá-lo previamente como tal, como era previsto em seu Estatuto e Regulamento. Assim, apesar de seu amontoado de absurdos no tempo, no espaço e na geografia, além de ofender de forma racista a memória do Rei Ambrósio e tentar destruir a verdadeira História da sua Confederação Quilombola do Campo Grande, o contozinho ganhou força e passou a ser utilizado por maus historiadores como se fosse uma fonte quase-primária deformando a História do Rei Ambrósio, causando até os dias de hoje, grandes danos a nossa Historiografia.

Preliminar-1

Como dissemos, este conto teria sido escrito em Rio Novo, ao mês de março de 1900, por Carmo Gama. Teria sido copiado (“Cop”) em Bicas, aos 29 de outubro de 1903 por “p.r. P. Bambr.^a”. P. 866 da *Revista*.

A cidade de Rio Novo fica ao norte de São João Nepomuceno, na Zona da Mata. Também a cidade de Bicas fica na Zona da Mata, ao sul de São João Nepomuceno. O autor foi realmente ligado a esses municípios.

Carmo Gama, o contista-autor, diz-se escritor ou jornalista “*há quase vinte anos*”, tanto no Rio como em Minas. Diz-se correspondente do Arquivo Público Mineiro. Realmente, José Joaquim do Carmo Gama³, natural de Baependi, a esta época residia em Rio Novo-MG.

Preliminar-2

Conta, Carmo Gama, que extraiu esta lenda de um pequeno manuscrito chamado *Apontamentos Geográficos e Históricos por Janoário Pinto Moreira*⁴, que lhe foi

3 Nomeado correspondente oficial do APM pelo presidente do Estado, dr. Bias Fortes, após 1895, sob a direção de Pedro Xavier da Veiga. Carmo Gama foi sócio fundador da Academia Mineira de Letras, onde escolheu a cadeira titulada pelo patrono José Pedro Xavier da Veiga - falecido em 8 de agosto de 1900 - primeiro diretor do APM.

4 Quanto ao autor do manuscrito, Janoário Pinto Moreira: O apelido Pinto Moreira é bastante comum em Itaúna. Tão comum que o dr. Miguel Augusto constatou que o nome do primeiro sesmeiro, na verdade Pinto Madureira, vinha sendo confundido com Pinto Moreira. Está consignado na p. 156 do *História de Itaúna* um professor chamado “capitão Janoário” (últimas décadas do século IX), sem, contudo, consignar seu apelido de família. Acredito que, se tal pessoa existiu, o dr. Miguel Augusto, ou o dr. Guaracy poderiam lê-lo localizado e identificado. Não puderam. Evidente que esse manuscrito nunca existiu; faz parte da ficção.

enviado pelo seu parente e amigo, padre Euzébio Nogueira Penido, vigário do Itatiaiuçu⁵ (Itatiaiuçu-MG).

Diz Carmo Gama que, “*Coordenando os fatos e formando a narrativa, procurei conservar sempre o fundo, no que vai a homenagem de meu respeito e gratidão ao autor do manuscrito*”⁶. (p. 828).

Carmo Gama adverte que, “*não conhecendo pessoalmente os lugares em que se deram os acontecimentos, no sertão mineiro, para não incidir em erros palmares, tive sempre aberta ante a minha mesa a carta “Geográfica de Minas” cotejando-a com a do grande mapa do senador Cândido Mendes, e o leitor que quiser melhor orientar-se tome por ponto a cidade de Araxá⁷, perto da qual se deu a ação principal da narrativa*”. (p. 828). Evidente pois, que esse Quilombo do Carmo Gama, foi por ele reinventado com base no Segundo Quilombo do Ambrósio e não o Primeiro, que ficava a norte da atual Cidade de Cristais-MG. Também o mapa de que se valeu, sem dúvida, já trazia o Triângulo que fora usurpado de Goiás desde 1815/1816.

Carmo Gama diz que o próprio Janoário (autor do ficto pequeno manuscrito) informava que “*ouvindo a narração dessas histórias da boca de um dos protagonistas, o célebre padre Caturra, seu professor de primeiras letras, este nunca precisava as datas, quando a repetia*”. (p. 828). Por esta razão, Carmo Gama, também quanto à época dos fatos, disse que teve de supor, pois registra “*suponho se deram (os fatos) no fim do passado ao princípio deste século*”. Escrevia em abril de 1900, portanto, refere-se ao fim dos anos 700 e começo dos anos 800, séculos XVIII e XIX. (p. 828). Portanto, nada teria a ver com o verdadeiro Segundo Quilombo do Ambrósio que, encontrado vazio em 1º de setembro de 1759, teria sido queimado em 8 de setembro desse mesmo mês e ano⁸.

Como se vê, fica estranho que Carmo Gama tenha considerado a Geografia de Xavier da Veiga, ou seja, a região da Comarca de São João del-Rei, e considerado os fatos como ocorridos na região do Triângulo no final do século XVIII e começo do século XIX, pois os documentos citados por Xavier da Veiga traziam as datas de 1747 (também equivocada, pois a data correta era 1746) e 1756-1759, portanto, meados e não final do século XVIII. Está claro que Carmo Gama quis escrever apenas um conto e não uma historiografia, apesar de usar de forma temerária de fatos históricos que não conhecia bem.

O conto registrou que em abril de 1900, Janoário Pinto Moreira, autor do manuscrito, já seria falecido, pois Carmo Gama refere-se “*à saudosa e veneranda memória do autor do manuscrito*”. (p. 828). Não há registro de que o padre Euzébio Nogueira Penido

5 Ver p. 144, 145, 153 e 154 de *História de Itaúna*, de Miguel Augusto Gonçalves de Souza, onde há registro de que no período de 24 de dezembro de 1901 a 1904, realmente, o pe. Euzébio Nogueira Penido, além de vigário de Itatiaiuçu, foi vereador de Itaúna.

6 Obs.: Carmo Gama teria, portanto, reordenado os fatos, pois “*coordenar*” significa “*dispor segundo certa ordem e método, organizar; arranjar*”. “*Narrativa*”, significa a maneira de narrar; “*Narrar*”, significa expor minuciosamente. “*Fundo*”, no sentido de razão, justificativa, base, fundamento. Ou seja, mesmo buscando dar verossimilhança com base em suas pesquisas e conhecimentos, Carmo Gama diz que teria criado em cima do já ficto texto de Janoário Pinto Moreira, autorizando-se, deste modo, a inventar os maiores absurdos, além expor todo o seu racismo.

7 Obs.: Carmo Gama já conhecia, e cita, as “*Efemérides Mineiras*”, relativas a maio de 1747 e abril de 1756, mencionadas por José Pedro Xavier da Veiga. No entanto, esse autor teria deixado claro na Efeméride de 1747 que esse Quilombo se situava na Comarca de São João del-Rei, mas não no Triângulo, então, Goiano.

8 Vide no site do MGQUILOMBO, a matéria “*O Ambrósio-1759 do Capitão Antônio Francisco França – 1760*”, documentos e cartografia provando que o Segundo Ambrósio foi encontrado evacuado em 1º de setembro de 1759

MG QUILOMBO, O QUILOMBO MINAS GERAIS

tivesse conhecido o falecido Janoário, pois Carmo Gama registra apenas “*que devo* (o manuscrito) *à gentileza de meu ilustrado parente e amigo, padre Euzébio Nogueira Penido*”⁹, cuja presença como vigário do Itatiaçu e vereador em Itaúna, realmente, é confirmada nesta data pelo livro *História de Itaúna* do dr. Miguel Augusto Gonçalves de Souza. O fato de o padre Euzébio Nogueira Penido ter existido, não prova que o ficto Caturra tivesse existido.

Há dois padres jesuítas na história: “*Portugueses ambos, Caturra*¹⁰ *e Custódio Coelho Duarte*”. Registra o conto de Carmo Gama que ambos os padres, após o rompimento de Ambrósio com a capital jesuítica (hoje, Indianópolis) foram para o Tengo-Tengo (Ibiá/Campos Altos)¹¹. “*Cansados daquela vida sertaneja ou visando maior glória e mais fortuna, quiseram retirar-se*”. Ambrósio comprou-lhes seus escravos e acumulou-os de presentes, principalmente a Caturra, seu ex-senhor. Dali, seguiram para Vila Rica, sendo que, passando por Sant’Ana de São João (Itaúna)¹², os padres se separaram, pois Caturra seguiu e Custódio ficou em Itaúna¹³. No livro *História de Itaúna*, consta, em 1841-2, presença de um certo Custódio Coelho Duarte e, em 1884 (42 anos depois), a presença de um capitão Custódio Coelho Duarte. (Ver *História de Itaúna*, p. 5, 86 e 177). Evidente que foi desse habitante de Itaúna que Carmo Gama copiou o nome que deu ao seu segundo padre jesuíta que inventou. Mas, o desatento historiador João Dornas Filho - segundo Miguel Augusto – sugeriu (a meu ver de forma leviana) que esse ficto padre poderia ter construído a primeira capela de Itaúna (Nossa Senhora do Rosário)¹⁴.

9 Como se sabe, em 1900, dificilmente alguém duvidaria do testemunho de um padre famosíssimo; parente do autor Carmo Gama; mesmo que fosse um político; com isto, Carmo Gama procura dar autenticidade à sua ficção.

10 Sempre desconfiei de erro na citação “*um frade terceiro, por nome fr. José de Jesus por alcunha o Catarro*” contida em *Relatos Sertanistas*, Taunay, Itatiaia-Edusp, 1981, p. 86 e *Dicionário Histórico e Geográfico de Minas Gerais*, de Valdemar de Almeida Barbosa, p. 362. Isto se confirmou: a novíssima edição do *Código Costa Matoso*, p. 257, traz o correção para, o Caturra. Em 3 de janeiro de 2002, tive os originais em mãos e confirmei. É mesmo Caturra. Mas, que conotação poderia haver entre “*um frade terceiro*” que, em 1694 dizia missas para os bandeirantes e pioneiros do arraial do Guarapiranga, “*por nome José de Jesus, por alcunha o Caturra*”? Nenhuma. Mas, foi daí que Carmo Gama deu forma ao Caturra de seu conto. Neste mundo, nada se cria, tudo se copia. Ou seja, o personagem Caturra desse conto de Carmo Gama nunca existiu

11 Nenhum documento ou historiador de respeito atribuiu ao Segundo Quilombo do Ambrósio o nome de Tengo-Tengo que, em dúvida, foi também inventado por Carmo Gama.

12 Evidente que, de Araxá para Vila Rica, não se passaria por Itaúna. Isto foi apenas uma manobra do Carmo Gama: Evidente que o contista “levou esses padres” para Itaúna”, para justificar a falsa existência do tal “manuscrito” junto ao padre Euzébio Nogueira Penindo que, depois, viera parar em suas mãos.

13 Encontrei, em 1781, requerimento de homônimo, Custódio Coelho Duarte, capitão da Companhia Auxiliar de São Caetano, no termo da cidade de Mariana, solicitando sua confirmação no exercício do posto. *AHU - Cons. Ultra. Brasil/MG, Cx. 117, doc. 41 Inventário MARMG-AHU, Col. Mineriana, v. 2, p. 199. (?)*. Como se vê, Gama deu a quase todos os seus personagens nomes conhecidos pela memória e em antigos documentos das Minas Gerais.

14 Evidente que esses padres nunca existiram, sendo mera criação do contista Joaquim do Carmo Gama.. Luís Palacín, em “*Subversão e Corrupção - Um Estudo da Administração Pombalina em Goiás*”, Goiânia-1983, citando *História da Cia. De Jesus no Brasil*, de Serafim Leite, informa que “*os dois primeiros jesuítas chegaram a Goiás em 28 de novembro de 1749*” - p. 9; que, o governador enviou “*o pe. José de Castilho para fundar a aldeia de Santana do Rio das Velhas com os bororos do coronel Antônio Pires de Campo (1750)*” - p. 10. Morto Pires de Campo (1751), substituído pelo bandeirante João de Godoi, há evidência de que o pastor da Aldeia de Rio das Velhas passou a ser o pe. Estevão de Souza. Todos eles fugiram em 1759. Os dois últimos padres da Aldeia do Rio das Velhas, Manuel da Cruz

MG QUILOMBO, O QUILOMBO MINAS GERAIS

Escreveu, o contista Carmo Gama, sobre o ficto padre Caturra, que muitos anos depois, após ter ido de navio para a África, após ter sido capturado, vendido e padecido como escravo na Argélia, depois de libertado pelo Rei de Portugal¹⁵, depois de ter passado por Portugal e voltado para o Brasil; finalmente, depois de ter entrado para a força militar de Vila Rica como soldado raso, marchado junto com as tropas que foram destruir o Quilombo do Ambrósio, depois de ver toda a destruição e morte de Ambrósio, depois de tudo isto, é que na volta das tropas para Vila Rica, Caturra, desertando em Itaúna, por lá fica como professor de primeiras letras, tendo sido, portanto, o professor de primeiras letras do autor do manuscrito, Janoário Pinto Moreira, que dele tirou as informações que fizera consignar no manuscrito que, após sua morte, fora dado pelo padre Euzébio Nogueira Penido ao Carmo Gama, autor deste conto, escrito em 1900 e publicado na *Revista do Archivo Público Mineiro* em 1904.

A falsa lenda parece ter sido levada a sério pelo suposto historiador João Dornas Filho que, em *Efemérides Itaunenses*, sugeriu levemente a possibilidade de a Capela do Rosário de Itaúna ter sido construída pelos padres Caturra e Custódio Duarte, “*jesuítas que, fugindo à perseguição ordenada pelo marquês de Pombal, em 1759, teriam se internado no oeste mineiro*”. *História de Itaúna*, v. I, (p. 05). Ora, os padres fictícios de Carmo Gama, segundo o seu conto, teriam ido para Itaúna ao final dos anos Setecentos ou começo dos Oitocentos. A Capela de Santana (Itaúna) foi erigida por provisão de 9 de dezembro de 1750 e seu patrimônio, doado em 11 de outubro de 1765.

A História

A pretexto de contar a História dos jesuítas, Carmo Gama inicia a narrativa, conectando-a e desenvolvendo-a em seu núcleo central.

O autor registrou em seu conto, que sabe que os jesuítas foram expulsos do Brasil em 1759. (p. 830). Sabe também - e afirma - que este fato está conectado à destruição do Quilombo do Ambrósio¹⁶. No entanto, diz que “*suponho se deram (os fatos) no fim do passado ao princípio deste século*”. O deslocamento dos fatos reais - de 1746/7 ou 1759/1760 para 1790/1801/1802 - como se vê, é muito grande. Evidente que se trata de um mero conto e que somente maus historiadores, a partir da provável má-fé com que foi publicado pela Revista do APM, lhe deram validade historiográfica.

Partindo desta proposital confusão de datas, o contista Joaquim do Carmo Gama narra a fuga dos jesuítas da “capital” (sem precisar se esta seria Vila Rica, Rio de Janeiro ou Salvador-BA), onde rumando pelo rio São Francisco acima (portanto poderia ser Salvador), derivam à direita, ganham o Quebra-Anzol, Misericórdia¹⁷, onde fundam o Tengo-

e Francisco José, teriam fugido em fins de 1759, chegando em São Paulo em janeiro de 1760, indo, dali, para o Rio de Janeiro. *A Igreja na História de São Paulo*, p. 128.

15 O Rei dom José faleceu em 1777; a partir daí até 1808, Portugal não teve rei e sim rainha.

16 Nenhum registro setecentista encontrei sobre jesuítas e quilombos... o negócio deles sempre foi somente ÍNDIOS.

17 Tratam-se dos rios São Pedro e Comprido, dados a manifesto ao governo goiano em 1752, por Pedro Franco Quaresma. O nome “Misericórdia”, segundo roteiro de Inácio Correia Pamplona, foi dado por ele ao rio e à Região, isto, como informa, por ter demarcado ao sul desse rio, uma Fazenda para a Sta. Casa de Misericórdia de Ouro Preto, isto, em 1769. Ora, o Ambrósio de Cristais foi destruído em 1746 e, o de Ibiá, em 1759. Portanto, o autor do texto inventou tudo isto, sim, mas de forma ainda muito desinformada - *Anais da Biblioteca Nacional*, v.108,1988, p.67-68.

MG QUILOMBO, O QUILOMBO MINAS GERAIS

Tengo¹⁸ ou quartel ambrosiano (em Ibiá). Deixam ali os pretos “criminosos” (acostumados a matar nas guerras em que defenderam os jesuítas¹⁹) e seguem de canoas e ajoujos pelo Quebra-Anzol até caírem no rio das Velhas, hoje, rio Veríssimo, onde fundariam a Aldeia de Santana²⁰, hoje cidade de Indianópolis.

De entremeio, o contista Joaquim do Carmo Gama introduz os principais personagens, quais sejam o padre Caturra, Ambrósio seu escravo e Tucum, cacique de uma das tribos aliadas. Depois menciona Cândida, também escrava de Caturra, comprada ainda criança, juntamente com Ambrósio, no Valongo, Rio de Janeiro. Exalta as qualidades de ambos, sendo Ambrósio qualificado como um bom general, de família real, um príncipe em sua terra, a África; e Cândida, exaltada como grande intelectual com pendores para as letras. Nisso tudo realça a superioridade da realeza²¹, mesmo africana - onde por esta razão os outros pretos se curvam a Ambrósio - e o desenvolvimento intelectual de Cândida, tudo isto, fruto da educação que receberam de seu senhor, o inteligentíssimo padre Caturra. Esse padre libertou a ambos, casando-os na igreja. Apressa-se o autor em afirmar, no entanto, que o casal jamais teve filhos.

Vejamos algumas grandes diferenças desta ficção com a História real do Rei Ambrósio. Segundo a documentação, inclusive cartográfica, o Rei Ambrósio NÃO era escravo. Tanto que, em Cristais, seu arraial se chamou Primeira Povoação do Ambrósio, mas não Quilombo. Ora, se era uma povoação, não era um quilombo. Neste sentido, há indicações de que os povoados próximos, tais como o antigo Arraial do Tamanduá, comerciavam com essa povoação. Quanto a atribuição do nome de Cândida à esposa de Ambrósio, também se trata apenas de uma invenção de Carmo Gama, pois, apesar de haver indicação de que o Rei Ambrósio tinha sua rainha, nenhum documento lhe atribuiu qualquer nome. Outra invenção do contista Carmo Gama é a de que Ambrósio fosse africano. Depois de manusearmos centenas de manuscritos dos anos setecentos, constatamos que os pretos africanos tinham como “sobrenomes” os nomes de suas nações, tais como Pedro Angola, Joaquim Quirumbo, José Mina etc. etc. ou então, do seu continente, como por exemplo, Antônio Africano etc. Quando escravizados ou forros, os pretos brasileiros recebiam o “sobrenome” de sua mistura étnica, como por exemplo, Pedro Crioulo, João Cabra, José Pardo etc. ou o sobrenome de seu senhor. Quando nascido livres (de ventre livre) os pretos tinham seus próprios nomes, com sobrenomes por eles, ou por seus pais escolhidos, ou não. Registre-se também, que Ambrósio também não tinha nada da realeza que lhe atribuiu Carmo Gama, visto que em Cristais era chamado de Pai Ambrósio. A informação do contista de que Cândida e Ambrósio haviam sido comprados, ainda crianças, no Valongo, Rio de Janeiro, é também um total absurdo se comparada com a realidade histórica. As notícias de Ambrósio e seus quilombolas remontam ao ano de 1726, sendo que quando do ataque à sua Povoação em 1746, em Cristais-MG, apesar das mentiras contidas na Carta da Câmara de Tamanduá à Rainha de 1793, Ambrósio e seus súditos saíram ilesos. Portanto, falar que

18 Nome inventado pelo contista Joaquim do Carmo Gama.

19 Inexiste qualquer notícia documentada de quilombolas junto com jesuítas.

20 A Aldeia de Sant’Ana, na verdade, foi fundada pelo coronel Antônio Pires de Campos em 1742, a pedido do capitão general de São Paulo, dom Luiz de Mascarenhas; confirmada em 1749-50 pelo governador da Capitania de Goiás (é que a Capitania de São Paulo fora extinta em 1748) - Ver *Dicionário de Bandeirantes e Sertanistas do Brasil*, Edusp, 1989, p. 103-104.

21 Entendo que, sem dúvida, o autor, apesar de sua demagogia, não consegue esconder a sua tendência monarquista, frustrada pela recente proclamação da república, mas, disfarçada num falso republicanismo.

MG QUILOMBO, O QUILOMBO MINAS GERAIS

teriam sido comprados no Valongo, no Rio de Janeiro, é equívoco ridículo sobre o monte de ridicularias anteriores, mesmo porque, esse porto só passou a funcionar depois do ano de 1811, quando foi construído. Além do mais, a região da atual Cristais-MG ficava dentro da antiga Comarca do Rio das Mortes, dentro das Minas Gerais, onde era proibida a presença de jesuítas.

Continuando com a narrativa do conto de Carmo Gama. Ele volta à epopeia, narrando que terminada a construção da Aldeia de Santana, a capital jesuítica, Ambrósio voltou com seus homens para o Tengo-Tengo, onde construiu a povoação em forma de praça de guerra, compondo-a com duas igrejas, seu castelo ou casa real, engenhos e outros apetrechos de uma fazenda; etc.

A Aldeia de Santana, na verdade, fora implantada antes do ano de 1748 para aldear índios bororos. Nunca teve qualquer padre com os nomes dos jesuítas inventados por Carmo Gama. Foi comandada pelo paulista Antônio Pires de Campos, o Pai Pirá e, depois da morte deste, pelo também paulista João de Godói Pinto da Silveira. Até 1748, todo o Triângulo pertencia à Comarca de Goiás, subordinada à Capitania de São Paulo. Extinta neste ano a Capitania de São Paulo e criada nesse ano a Capitania de Goiás, o Triângulo continuou a ser Goiano até 1816 quando seria usurpado, à custa de muitas inverdades e politicagem, pela Capitania das Minas Gerais. Como vimos, os quilombolas do Rei Ambrósio derrotaram as tropas de Antônio João de Oliveira que quiseram atacar sua povoação em 1746. Em 1750, foi extinto o Sistema Tributário da Capitação, que oprimia aos brancos pobres e pretos forros e livres; muitos destes, que habitavam os quilombos confederados do Rei Ambrósio, voltaram para as vilas oficiais. Ambrósio, apesar de ser um preto livre, preferiu ficar com os seus, agora, quilombolas, porém, resolveu mudar a sua capital para a região situada entre as atuais cidades de Campos Altos-MG e Ibiá-MG, esta última então, dentro da recém-criada Capitania de Goiás.

Continuando, o conto de Carmo Gama narra, ao final do texto, que também em volta da praça de guerra ou cidade fortificada, havia muitas casinhas de quilombolas que moravam, portanto, fora dos portões da fortificação. Descreve, a seguir, o desenvolvimento material e o crescimento populacional do Tengo-Tengo, que recebia a todos os que vinham de longe, buscar a paz ou o abrigo que procuravam para suas vidas. A população subiu a mais de mil habitantes.

Carmo Gama fala dos personagens João Wruméia e Hyunhanguera, escolhidos por Ambrósio como seus generais ou lugar-tenentes²². Descreve as leis civis e penais de Ambrósio e o seu sistema político-econômico, ao mesmo tempo ditatorial e socialista ou comunitarizado, e ainda as classes sociais, na verdade profissionais, de seus súditos, descendo a minúcias que só podem ser da inventiva do autor, provavelmente monarquista e frustrado com a recente República (escrevia no ano de 1900). Se bem que o adesismo demagogo dos monarquistas mineiros, doravante, os faria “republicanos” desde criancinhas. Descreve até o sistema processual penal, onde a segunda ou superior instância era buscada na capital jesuítica, Aldeia de Santana²³. Volta à economia ambrosiana e descreve toda a sua riqueza

22 Os braços direitos de “Ambrósio” eram índios e não pretos que, implicitamente, Gama sempre os insinua inferiores, por não terem sangue europeu.

23 Sem dúvida que o contista Joaquim do Carmo Gama (que aliás era também jornalista), conhecia bem as questões jurídicas de seu tempo; essa discussão inclusive estava na moda no final do século XIX.

MG QUILOMBO, O QUILOMBO MINAS GERAIS

material que atraía mais e mais habitantes novos que acorriam de lugares longínquos. A população chegou a milhares de habitantes.

Revela que os anos se passaram, os cabelos de Ambrósio foram ficando grisalhos. Todos os criminosos que entre os 200 prisioneiros foram deixados pelos jesuítas com Ambrósio, ou se tornaram bons cidadãos, ou foram apenados com a morte ou expulsos. A população ficou totalmente ordeira e trabalhadora, sob o comando de Ambrósio, descendente de reis na terra africana. Viviam em paz e em consonância com a capital jesuítica.

Escravos dos jesuítas começaram a fugir para o Tengo-Tengo. Os padres pediram devolução de suas peças e Ambrósio, que se tornara absoluto, negou-se a atender os padres, seus benfeitores. Isto abalou as relações com a capital jesuítica e o Tengo-Tengo ficou isolado. Aí começaram os problemas.

Evidente que, nessas narrativas, a ficção é total e sem qualquer fundamento histórico, pois não existe qualquer informação documentada de ligações de quilombolas com jesuítas e, muito menos, com a Aldeia de Santana, dentro do Triângulo então Goiano, comandada por paulistas terríveis que oprimia até mesmo os seus jesuítas.

O autor informa que, “*por este motivo*”, os padres Caturra e Custódio Coelho Duarte, “*portugueses ambos*”, despediram-se da capital jesuítica e passaram a viver com o Ambrósio no Tengo-Tengo. Nesta época, o quartel ambrosiano já possuía uma população de mais de cinco mil habitantes. O tempo foi passando.

Nenhum documento – nem mesmo aqueles emitidos pelo grande mentiroso Inácio Correia Pamplona - dá qualquer informação sobre jesuítas vivendo no Segundo Quilombo do Ambrósio, encontrado evacuado em 1º de setembro de 1759 e destruído em 8 desse mesmo mês e ano. Portanto, também aqui, o conto-histórico é mesmo uma má ficção.

A seguir, o contista Carmo Gama narra que as expedições comerciais que duas vezes por ano Ambrósio enviava para Vila Rica, visando a vender seus produtos e a comprar escravos para o quartel ambrosiano. Fala da lisura e bom comportamento que Ambrósio exigia de seus comandantes, João Wruméia e Hyunhanguera, em todos os seus negócios, exigindo recibos e boa procedência dos escravos comprados para aumentar a população do Tengo-Tengo. Esses escravos prestavam serviços ao Tengo-Tengo por 10 ou 20 anos e depois ganhavam a liberdade²⁴.

Total ficção, sem qualquer fundamento documental. Nenhum dos cerca de 20 quilombos confederados ao Rei Ambrósio, na Comarca do Rio das Mortes ou dentro do Triângulo Goiano, comprava escravizados. A informação reiterada é a de que assaltavam os “*sítios povoados (...) cuidando mais que tudo em tirar negros em lotes de 10, 12 de cada sítio, os quais é que com pouca violência os seguem*”, informação esta reiterada em vários outros documentos²⁵. Também não há qualquer notícia de que houvesse escravizados, mesmo temporários, em qualquer Quilombo da Confederação. Havia brancos pobres nos quilombos, principalmente entre 1735 e 1750, mas nenhum jamais foi referido em qualquer documento; também não há qualquer notícia de índios junto aos quilombolas. Como se vê, aqui também a criação do pretense romance-histórico de Carmo Gama nada teve a ver com a realidade documentada da verdadeira História do Segundo Quilombo do Ambrósio, muito menos do Primeiro. Porém, o “Ambrósio” de Gama era um personagem de segunda, criado para emoldurar a grandeza dos jesuítas.

24 Ou seja, o “quilombo” de Carmo Gama era, na verdade, uma fazenda de escravos, como outra qualquer.

25 APM SC 50, fls. 43-44, de 01.07.1746; SC 45, fls. 64-64v, de 08.08.1746 e SC 84, fls. 108, de 13.06.1746.

MG QUILOMBO, O QUILOMBO MINAS GERAIS

Voltando ao conto de Carmo Gama: Querendo, os padres, irem embora do Tengo-Tengo, Ambrósio comprou-lhes seus escravos e deu muitos presentes a seu ex-senhor, padre Caturra, na forma de dinheiro e pedras preciosas. Os padres se foram numa dessas expedições comerciais a Vila Rica. A estrada descrita tinha o seguinte trajeto: “*ganhava-se o rio São João, desde ao São Francisco, Santo Antônio do Monte e, daí, por estrada fácil até Vila Rica*²⁶”. O padre Custódio Coelho Duarte ficou em Santana de São João Acima, disfarçado como professor, tendo Caturra, também disfarçado, seguido viagem.

Diz o conto que, numa destas viagens - não se sabe se antes ou depois da retirada dos padres - foram comprados os escravos Manoel Cabinda²⁷ e sua mulher Catarina, de um padre jesuíta que, disfarçado de pessoa comum, vivia em Vila Rica. O negro era marceneiro e letrado, de maneira que, caindo na confiança de Ambrósio, passou a ser o guardião de seu tesouro.

Como afirmamos, nenhum quilombo da Confederação comprava escravizados. O contista disse que esse negro comprado era franzino e não era guerreiro, mas passou a ser de grande confiança de Ambrósio e de seu conselho. Esse personagem, teve a sua criação amarrada no tempo (1790-1807). Portanto, o Manuel Cabinda foi totalmente criado por Carmo Gama. Na data da batalha, segundo fala do próprio personagem, havia dez anos que fora comprado em Vila Rica e estava trabalhando no Quilombo do Ambrósio.

O contista inventa mais uma compra de escravizado. Registrou que numa outra viagem destas - muito depois da retirada dos padres do Tengo-Tengo - como havia “*muita guerra em Vila Rica*”, Wruméia e Hyunhanguera só conseguiram comprar um único escravo: Pedro Rebolo²⁸, que o autor descreve com tintas mal agourentas, como sendo ele o símbolo da maldade e do malévol. E era. Ambrósio apercebeu-se e fez o que pôde para se livrar do negro. Houve um concerto do destino. Não houve como se livrar do novo escravo. Rebolo, castigado muitas vezes, não se emendou. Simulou bom comportamento por algum tempo. Quando ninguém desconfiava, fugiu para Vila Rica, pondo em perigo o segredo da localização e a segurança do quartel ambrosiano. Ambrósio confirmou, ainda, que seus comandantes, em suas viagens a Vila Rica, se comportavam como quilombolas quaisquer, roubando e praticando crimes de toda espécie. Começa o ocaso do Tengo-Tengo, nome, como já se disse, também inventado por Carmo Gama.

O destino do Tengo-Tengo de Carmo Gama estava selado. Os elementos conspiravam pela sua destruição. Este é o ânimo que assaltou e tomou o espírito do velho rei Ambrósio, agora pessimista e fatalista. Ambrósio comunicou a fuga e os seus maus presságios aos jesuítas que, portanto, ainda estavam comandando a Aldeia de Santana, hoje, Indianópolis²⁹.

Continuando, o contista narra que, mais à frente, os jesuítas convidaram Ambrósio a que fugisse com seu povo para a Aldeia de Santana, de onde poderiam escapar de canoas pelo rio Paranaíba, ganhando, se fosse o caso, os sertões de Goiás e Mato Grosso. (Ora, o Triângulo pertenceu a Goiás até 1816, portanto, já estavam em Goiás). O povo de

26 Esse trajeto é um total absurdo; nunca existiu tal caminho. Mas, para o conto de Gama, tinha que ser assim.

27 O “sobrenome” Cabinda, indica que ele era um angolano, banto, pertencente a essa tribo, ou seja, era um negro estrangeiro.

28 O “sobrenome” Rebolo, vem de libolo, nome de antigo povo banto, de Angola. Portanto, trata-se de um negro estrangeiro.

29 Ora, os jesuítas, inclusive os da Aldeia de Rio das Velhas, foram expulsos em 1759. Ver *Subversão e Corrupção - Um Estudo da Administração Pombalina em Goiás*, de Luís Palacín, p.14. Só voltariam ao Brasil (para o Sul) em 1844/1849.

MG QUILOMBO, O QUILOMBO MINAS GERAIS

Ambrósio, a maioria escravos fugidos inclusive dos jesuítas, temendo o cativo, não aceitou. Ambrósio preferiu ficar com o seu povo.

Ambrósio, em conselho, determinou que seu exército de três mil homens estivesse sempre pronto, tanto dentro como fora de seus muros. Passou a colocar guardas diurnos nos pontos de visão mais estratégicos do Tengo-Tengo.

Sob a epígrafe “Caturra”, o autor narra fatos sobre a chegada e saída dos padres, cujos dados incorporamos na própria narrativa supra eliminando esse retrospecto que, no conto, mais parece - a quem o lê - correção de lapsos que o autor cometeu na narrativa corrente, além dos seguintes:

Caturra, naquela ocasião, disfarçado, mas com muito dinheiro e outras riquezas, seguiu para Vila Rica e, de lá, para o Rio de Janeiro. Fez amizade com traficantes de escravos e com estes seguiu em navio para a África, onde, agora no negócio do tráfico, queria ficar mais rico ainda. Em alto mar, seu navio foi atacado por piratas, sendo que Caturra, além de roubado em tudo que tinha, acabou, ele mesmo, vendido como escravo na Argélia.

O Rei português (na época do conto, Rainha) ficou sabendo de seus súditos escravos na Argélia e cuidou de libertá-los mediante resgate. Em Portugal, Caturra passando-se por um brasileiro qualquer (era português), acabou voltando para o Brasil, onde, já bem velho e decadente, passando para Vila Rica, engajou-se como soldado em uma de suas tropas.

Assim, quando Pedro Rebolo, fugido do Tengo-Tengo, chegou a Vila Rica, o velho Caturra, disfarçado, já prestava serviço como simples soldado das tropas do governador. O autor, no entanto, não identifica sequer quem era o governador das Minas a esta época.

Desfecha, Carmo Gama, que Rebolo procurou seu ex-dono em Vila Rica e revelou-lhe o segredo do Tengo-Tengo, que teria cerca de seis mil habitantes, governado por um poderoso rei que tinha exércitos e um fantástico tesouro. Seu dono procurou o governador e narrou-lhe os fatos, concluindo, todos, que se tratava dos jesuítas, então objeto de todo o ódio e perseguição oficial àquela época. Ou seja, segundo o autor, o fato de haver jesuítas na história teria impressionado mais as autoridades do que o fato de existir um quilombo com tal poderio bélico e econômico. Comunicação foi enviada ao vice-rei no Rio de Janeiro (vice-rei, no Rio, só depois de 1763, até 1808) e o Rebolo foi conduzido à prisão, no palácio do governador em Vila Rica. Era lá que estava trabalhando o agora soldado, Caturra.

O velho Caturra, agora soldado, falava dialetos africanos. Assim, no turno de sua guarda ao prisioneiro Rebolo, conversou longamente com ele³⁰ - que não o conhecia - inteirando-se de tudo o que se passava. Teve que tomar cuidado, pois muitos soldados desconfiavam que Caturra não fosse apenas um velho soldado iletrado e ignorante. Tanto que, jocosamente, o haviam alcunhado de *o padre-mestre-Jesuíta*. A partir daí, o autor volta a falar da perseguição aos jesuítas.

Justifica-se o contista, dizendo que Caturra pensava em se comunicar com Ambrósio, mas, a esta altura, além de estar velho, não se recordava do caminho, não saberia encontrar o Tengo-Tengo. Para disfarçar, Caturra passou a simular um grande ódio pelos jesuítas, fato que o inseriu de forma mais convincente na confiança e amizade dos companheiros de caserna.

Registra, o autor, que o governador mandou apenar (recrutar) pedestres e capitães do mato para a incursão que pretendia perpetrar contra o tal Quilombo do Ambrósio. Todos os preparativos se fizeram no maior sigilo e simulação possíveis. Neste ponto, em nota de

30 Sendo Rebolo um negro de Angola, sua língua, assim como a do Cabinda seria, provavelmente de tronco ambundo ou quimbundo.

MG QUILOMBO, O QUILOMBO MINAS GERAIS

rodapé o autor cita Xavier da Veiga nas Efemérides de 8 de maio de 1747 ou 1756, de forma interrogativa, demonstrando que queria mesmo embolar e misturar o seu conto com a história, apesar da pouca precisa fonte citada.

As Efemérides, de Xavier da Veiga, foram publicadas em 1897. A edição da Coleção Mineriana de 1998, mostra a efeméride de 8 de maio de 1747 com a seguinte redação: “*Segundo um documento oficial, cujo autógrafo acha-se no Arquivo Público Nacional do Rio de Janeiro, foi nesta data resolvido que se atacasse um quilombo de mais de mil negros existente na Comarca de São João del-Rei*”. Essa carta, na verdade, seria aquela datada de 8 de agosto de 1746³¹, mas que Gomes Freire só a teria mandado para o Reino, ou dela recebido resposta, somente em 19 de abril de 1747³². Consigne-se, no entanto, que, então, Joaquim do Carmo Gama viu que se tratava de um quilombo existente na Comarca de São João del-Rei, mas assim como Xavier da Veiga, não sabia nada do Primeiro Quilombo do Ambrósio e resolveu jogá-lo para dentro do Triângulo Goiano.

Por isso, ao invés de falar sobre o capitão Antônio João de Oliveira, o comandante da Guerra de 1746 ao Primeiro Quilombo do Ambrósio³³, ou de Bartolomeu Bueno do Prado, o comandante da Guerra de 1759/1760 ao Segundo Quilombo do Ambrósio³⁴, que provavelmente nem soubesse deles, Carmo Gama colheu nome de outros personagens e os atribuiu aos atacantes do seu, também fictício, Tengo-Tengo:

“*De vários pontos foram chamados o célebre Cavaco*³⁵, *o famigerado Gregório*³⁶, *o valente Feliciano*³⁷, *cada um com seu troço de cinquenta bacamartes, ganhando os chefes quatro oitavas de ouro em pó, cada um de seus ajudantes um cruzado novo (400 réis) por cabeça de... calhambola*³⁸”. Porém, nunca cita o nome do comandante geral deles³⁹. Daí, em longo trecho, passa à ignomínia desses serviços homicidas, capitães do mato, de que muito se utilizou Portugal nas Minas Gerais. Fala, ao final, reportando-se à História, de “*memorável expedição em que o triunfo subiu a três mil e novecentos pares de orelhas*”, citando de novo o Xavier da Veiga⁴⁰. Quanto ao fato que seu conto narrava, diz o autor que do manuscrito não constava o nome do chefe da expedição de que trata. Quanto ao

31 APM-SC 45, fl. 64 e v. de 08.08.1746

32 Verbete nº. 4022 do IMAR/MG, Cx. 49, Doc. 27 do AHU.

33 APM-SC 84, fls. 109-v. de 01.06.1746,

34 Verbete nº 11295 do IMAR/MG, Cx. 155, Doc. 7, rolo 140, p. 90-b a 91-a, AHU, 9 de dezembro de 1800

35 Encontrei referência a igual nome no APM-SC 229, fl.34, ano de 1781, “*Manuel Pereira, por alcunha o Cavaco, Paraopeba de Baixo - CMG*”, nada a ver com o Ambrósio, portanto. Há, ainda a referência a um capitão do mato com este nome em 1798 in *Negros e Quilombos em Minas Gerais*, p. 74-75, citando “*Documentos Avulsos, APM*”. Há também os topônimos serra do Cavaco e ribeirão do Cavaco, afluente do Correntezas que passa por Divino Espírito Santo, norte de Alterosa, in carta IBGE, 1970, 1:50 000 de Conceição da Aparecida. Ou seja, nomes famosos atribuídos aos personagens, dariam mais aparência verdade aos absurdos do conto de Carmo Gama.

36 Há o topônimo “*serra do Gregório*”, entre as serras da Posse-Mutuca e Contendas, nascentes do rio Cancã, carta IBGE, 1970, 1:50 000 de Alpinópolis.

37 Feliciano Cardoso de Camargo morreu em 1748 no ataque caiapó próximo do rio das Abelhas.

38 Aqui, como se vê, a criatividade do autor voou para todos os lados, pois as tomadias nunca foram pagas nesses valores ou moeda.

39 Deixando que a própria cabeça do leitor “lembrasse” que seria Antônio João de Oliveira ou Bartolomeu Bueno do Prado pois, citá-los, principalmente esses últimos, poderia atrair retaliações vingativas.

40 Como se vê, apesar de indicar que não estava falando do mesmo fato histórico e sim de um outro fato, apenas “semelhante”, Carmo Gama citou Xavier sobre os fatos de 1746-1747 ou 1758-1760, querendo, evidentemente, amarrar estes ao seu conto, cujos fatos ocorreram entre 1799 a 1802. Evidente, SMJ, a tentativa de manipular o entendimento e confundir do leitor, como confunde até hoje.

MG QUILOMBO, O QUILOMBO MINAS GERAIS

“*condutor do trem bélico*”, Carmo Gama informa que este fora Pedro Rodrigues Lopes Vital, morador na Fazenda Pedreiras, no Arraial Aranha. No verdadeiro ataque ao Segundo Quilombo do Ambrósio, em 1759, houve sim um condutor do trem bélico, que foi Antônio Francisco França e seu sócio, que também desenhou o mapa da Confederação Quilombola do Campo Grande⁴¹.

A expedição do conto de Carmo Gama teria saído de Vila Rica⁴² no mês de maio chegando quase dois meses depois ao rio São Francisco. Rebolo havia errado o caminho. Claro, Caturra, agora soldado, fazia parte das tropas de mais de três mil homens⁴³ que marchavam contra o Quilombo do Ambrósio. Rebolo acabou reconhecendo o caminho.

Depois de marchas e contramarchas, avistaram uma sentinela num morro e Rebolo sorrindo gritou: Tengo-Tengo⁴⁴! A alegria se espalhou em toda a tropa, menos para o “soldado” Caturra que, disfarçadamente, chorou.

Descreve, Carmo Gama: “A cidade ou quartel Ambrosiano estava colocada em um lindo descampado, no encontro de dois córregos que forneciam grande abundância d’água, tanto para o consumo público, como para os engenhos, moinhos e outros mecanismos. Circulava-o um valo com a extensão de uma légua em circunferência largo e profundo, erigido no centro com pontiagudas estacas de aroeira do sertão, cuja rizeza e durabilidade são legendárias: acima do valo e acompanhando todo este, à guisa de muralha, levantava-se um terraço de oito palmos de altura por dez de largura: um só portão, junto ao qual havia uma ponte levadiça, dava acesso à cidade, que era um perfeito arremedo das antigas cidades fortificadas. Logo ao pé do portão havia uma igreja e daí seguia a rua principal, até ao grande largo ou praça, onde se erguiam as torres de um belo templo com seu campanário; o palácio real ou residência de Ambrósio; a cadeia com seu grande pátio fechado, por grossos muros; o patíbulo, e os mais importantes edifícios. O portão era de duas bandeiras, muito largas e cozidas com grossas chapas de ferro. O erário público era no palácio”. Evidente que Carmo Gama, aqui, se baseou superficialmente no croqui desenhado pelo escrivão da suposta viagem de Inácio Correia Pamplona, mas, quanto ao enorme portão, igreja com campanário, o erário, o palácio e outras “benfeitorias”, o contista reinventou e muito.

Como sempre, sem informar o ano, o contista disse que “*corria o mês de agosto*”⁴⁵. As sentinelas, segundo ele, foram, uma a uma, na escuridão da noite, sendo varadas de flechas ou punhais. O comandante das tropas (nunca identificado pelo autor) mandou arrancar do fosso as estacas de aroeiras, permitindo fácil passagem.

O povo do Tengo-Tengo de Carmo Gama foi acordando aos poucos. Dirigiu-se, como de costume, para as orações matinais na igreja. Os portões foram abertos, a ponte levadiça baixada. Ninguém desconfiou ou viu nada. Sonolentos, os habitantes cantavam e

41 Vide Quilombo do Campo Grande: A História de Minas que se devolve ao Povo.

42 Todas as expedições ao Ambrósio “saíram” de São João del-Rei; nenhuma de Vila Rica.

43 A verdadeira tropa em 1759, de Bartolomeu Bueno do Prado, tinha apenas de 400 a 700 homens, assim como a de 1746.

44 Segundo *Aurélio*, Tengo-tengo é Adv. Bras. N.E. Pop. que significa “*Sem grande esforço; devagarinho*”.

45 O verdadeiro Segundo Quilombo do Ambrósio foi encontrado evacuado em 01.09.1759 e, depois do ataque ao Pernaíba, a norte da atual Patrocínio-MG, foi destruído e incendiado. Ou seja, nunca houve qualquer batalha nesse Segundo Quilombo do Ambrósio.

MG QUILOMBO, O QUILOMBO MINAS GERAIS

rezavam na igreja⁴⁶. As tropas atacantes instalaram suas “peças” (canhões⁴⁷) no portão aberto e abriram fogo cerrado contra a igreja. Foi uma grande mortandade logo de início.

Relata o conto que João Wruméia, Hyunhanguera e o próprio Ambrósio, reagem, organizam a defesa e, de dentro do próprio templo, resistem o fogo dos atacantes que também sofrem alguma baixa e são repelidos para fora das muralhas. Finalmente, por volta de nove horas da manhã, o exército de Ambrósio fica sem munição. Continuam a luta, agora atirando flechas contra os sitiados, mas suas baixas aumentaram ante o fogo dos atacantes. Ao meio-dia, cessou tudo. Os ambrosianos saem das muralhas e mantêm fechado o portão. Os atacantes continuaram entrincheirados do lado de fora da fortaleza ambrosiana.

Continuando, o conto de Carmo Gama relata que uma negra solitária e apavorada, com uma corda, foge das muralhas ambrosianas e pede proteção ao comandante das tropas atacantes, informando que Ambrósio mandara preparar facões e que estava matando todos os sobreviventes de seu povo, inclusive velhos, mulheres e crianças⁴⁸.

Lembramos que o Quilombo do Ambrósio é referido em vários documentos como “lendário”, “afamado” e “célebre”. As Cartas Chilenas o compararam a um local de festas. Ambrósio foi citado como “Pai” e como “Rei”; nunca como o louco, ridículo e covarde inventado pelo Carmo Gama. Vejamos.

Descreve o contista que os atacantes botaram abaixo os portões e surpreenderam Ambrósio, sentado junto à Cândida, em meio a um cenário juncado de cadáveres degolados, assistindo a sequência das degolas que, a seu mando, João Wruméia e o Hyunhanguera aplicavam no amedrontado povo. Quiseram reagir, mas Ambrósio mandou que se rendessem. A seguir, Carmo Gama descreve o ridículo Ambrósio que ele inventou:

“Um negro fula, com barba cerrada e basta carapinha, quase completamente brancas, nessa cor dúbia, entre o grisalho e a neve; porte alto e airoso; olhos grandes, boca pequena e lábios delgados, deixando transparecer nas comissuras esse tremor convulso que reflete as tempestades d’alma⁴⁹; pés e mãos pequenos; dedos finos e compridos; no rosto existiam os lanhos próprios de sua nação, mas ocultavam-se na espessa barba”.

“Trajava sobrecasaca de pano finíssimo, com galões dourados e botões de ouro; calças da mesma fazenda com largas listras vermelhas, nas costuras, lado exterior; camisa de cambraia; chapéu de braga com cinco bambolins de retrós, pendentes para as costas; botas pretas e justas, com bico fino e salto de prateleira, esporas de prata com correntes. Por armas prediletas tinha Ambrósio uma linda espada, um jogo de pistolas, rico punhal e uma espingarda inglesa de dois canos⁵⁰, tudo bordado a prata e ouro”.

46 Apenas no Quilombo do Perdição do Bambuí, havia mesmo um cruzeiro e uma capela; aliás, os quilombos tinham até forja de ferreiro, curtumes de couros, teares; etc.; fatos documentados pelo cartógrafo e escrivão de Inácio Correia Pamplona em 1769, ou seja, dez anos após a destruição desse quilombo e do vizinho Quilombo do Ambrósio.

47 Está documentado que tanto na guerra de 1746, como na de 1759-60, as tropas atacantes utilizaram até granadas para atacar o Quilombo do Ambrósio. Sobre canhões, nada consta.

48 Sob o comando dos jesuítas, o “Ambrósio” de Gama era inteligente, competente e valente. Sem os jesuítas, era imbecil e poltrão.

49 Ou seja, talvez, de tanto medo, já estivesse com as calças defecadas.

50 Esse tipo de espingarda só passou a existir depois da invenção da espoleta; a espoleta, no entanto, só foi inventada em 1804, na Europa. No Brasil, chegou bem mais tarde. Muitas das pistolas e espingardas de escorva (pederneira), antigas, voltaram para a forja, onde receberam essa modernidade. O “Quilombo” que comprava escravos e os utilizava como qualquer fazenda de escravos; assim, também o seu rei, o “Ambrósio” de Carmo Gama era, na verdade um senhor de escravos, agora vestido como tal, também por fora, pelo contista.

MG QUILOMBO, O QUILOMBO MINAS GERAIS

Como vimos Carmo Gama descrevera esse Quilombo do Tengo-Tengo localizado dentro de um fortim, apenas semelhante - mas não igual - àquele do croqui de Inácio Correia Pamplona, onde, atacado foi facilmente vencido pelos atacantes. Agora, sem os jesuítas, descreve um rei Ambrósio limitado e covarde que, apesar de ter dado grande desenvolvimento ao seu quilombo, só o fizera porque os jesuítas a tudo haviam planejado, provido e instruído. Rompido com os jesuítas, aflorou a incompetência que o enquadrava ao tipo daqueles homens *“incapazes de conceber um plano, de elaborar por si, qualquer ideia, qualquer coisa por simples que seja. Desconfiados de si próprios, nem tentam a concepção nem resistem ao menor obstáculo que na elaboração intelectual se lhes antolhe: pode-se dizer que sua imaginação é imperfeita e árida, verdadeira tábula rasa, como diziam os antigos filósofos. Ambrósio era um desses”*. Cercado e sem munição, apesar de contar ainda com cerca de mil homens, Ambrósio paralisou-se e entrou em um covarde e louco desespero, mandando matar sua população. Foi nisso que o racista Carmo Gama quis transformar o lendário Rei Ambrósio, pois sua única intenção foi endeusar os seus heróis, os tais jesuítas que, também, inventou.

Narra a seguir que, invadida a fortaleza e rendido todo o povo, o comandante das tropas, nunca identificado⁵¹, passa a interrogar a Ambrósio:

- *“Quem és tu?*
- *Sou Ambrósio, capitão deste quartel.*
- *Capitão!... Quem é o teu senhor, negro?*
- *Sou livre e livre é toda a gente deste posto militar. Fui escravo, todos os adultos que aqui estão também o foram; mas somos todos livres. Minha carta de liberdade aqui está e a de meu povo neste cofre.*
- *Não conheço a letra, disse o comandante lendo a carta. Quem é teu senhor, negro?*
- *Já disse ao senhor general que não tenho senhor. Fui escravo, sim; mas aquele que tinha direito sobre mim, antes de expirar, deu-me liberdade⁵².*
- *Pois ou há de dizer quem é o teu senhor ou sofrerás muitos castigos.*
- *Sou livre! Repetiu Ambrósio.*
- *Ela (a carta) é bem passada e datada do posto do Tengo-Tengo do Araxá, disse um oficial, lendo a carta de liberdade⁵³.*
- *Onde é este posto? Perguntou o comandante.*
- *É aqui. Respondeu Ambrósio.*
- *E que veio fazer aqui teu senhor?*
- *Salvar a vida!*
- *Salvar a vida! Ah! Com certeza jesuítas!*
- *Pois bem - continuou o comandante - São todos cativos e da Real Fazenda, à qual pertencem todos os bens dos tais padres, desde sua condenação à morte. Portanto, tu e toda esta canalha, da qual és cacique...*

51 Mas que o leitor “pode entender” que seria Bartolomeu Bueno do Prado e, assim, aceitar esse conto como se história fosse.

52 Equívoco do autor. Pessoa livre, só aquela nascida de ventre livre. Nenhum ex-escravo poderia e nem pode ser chamado de livre; um ex-escravo é sempre forro e não livre.

53 Para ter validade, uma carta de alforria deveria ser registrada em um cartório oficial de uma Vila, pagando emolumentos.

MG QUILOMBO, O QUILOMBO MINAS GERAIS

- *Perdão, senhor general! Cacique é rei dos índios e eu não sou índio; na minha terra o rei é Zambi⁵⁴, e lá cabe-me esse título.*
- *Sejas rei dos índios, rei da África, rei do Araxá, capitão-general do Tengo-Tengo, grande em ponto de pequeno, com toda essa lengalenga, o que é certo é que todo o teu poder nada vale e tens que escolher uma de duas: ou hás de sujeitar-te ao cativo, ou morrer. Escolhe.*
- *Já declarei ao senhor general que não sou cacique; mas aceito essa dignidade que me é conferida e, três vezes rei, uma vez capitão-general, aceito a morte!*
- *Gregório! Chamou o comandante.*
- *Pronto! Respondeu o comandado*”, descrito como um mameluco, mas chamado de “índio” pelo autor Carmo Gama. Este, após falar em pé-de-orelha com o comandante, passou a zombar do povo todo e a preparar a grande degola.

O diálogo entre o comandante e Ambrósio, no entanto, continua.

- *“Então negro! Queres servir ou morrer?*
- *Quero morrer; mas... se o senhor general quisesse, pelo completo resgate nosso e da cidade, tanto dinheiro em ouro e prata quanto bastasse para cobrir o chão de toda a praça, com poucas horas lho daria... disse Ambrósio.*
- *Oh! Além de rei, de cacique, de capitão-general, é também milionário! Não duvido, porque, há anos que tu e teus companheiros viveis a roubar e por isso podes ser o maior banqueiro do Araxá⁵⁵. Melhor, porque, o erário real anda bastante oberado e isto o concertará...”*

Como se vê “o Ambrósio do Carmo Gama”, além de louco, covarde e ridículo é também corrupto e tenta subornar o chefe atacante.

Revela o conto que a ganância tomou conta do comandante das tropas e este simplesmente ordenou a degola de todos, acreditando que, depois, localizaria facilmente o tesouro do Tengo-Tengo.

Informa que Caturra, durante tudo isto, manteve discretos diálogos em dialeto africano com Ambrósio e com Hyunhanguera, sempre cuidadoso para não se traírem, mas nada pôde fazer, pois já enfrentava a suspeita, traduzida pela alcunha de “padre-mestre-Jesuíta”. Nem chorar pôde, mas muito sofreu.

Começou a degola⁵⁶ de velhos, mulheres e crianças, sendo os últimos degolados João Wrumeia, Hyunhanguera, Cândida e o próprio Ambrósio; este, com sua roupa, armas e paramentos intocados até o fim. Depois, se instaurou a barbárie, onde mais quilombolas foram mortos a tiros, facadas, cutiladas, mais degolas etc.

Isto, porque “*posto abaixo o portão e surpreendidos pelo exército, Wrumeia, Hinhanguera e todos os outros, como leões ou panteras acuados na toca, saltaram, armas em riste; mas a um simples aceno de Ambrósio, baixaram as armas e esperaram*”, ou seja, se renderam sem qualquer luta, o que, segundo o racista Carmo Gama, não aconteceria, “*se aquela inteligência [de Ambrósio] fosse aquecida pelo benéfico sol da civilização e não vítima do obscurantismo e das superstições próprias das plagas africanas*”. Ou seja, se

54 Nzambi é Deus e não rei. Angana-Nzambi, Senhor Deus. Como se vê, na verdade, o autor pegou uma carona em Zumbi, nome ou alcunha do último rei de Palmares.

55 A época da destruição do Segundo Quilombo do Ambrósio, 1759, não existia qualquer povoação com o nome de Araxá.

56 As degolas estavam em moda na época em que o autor escreveu o artigo, os jornais cobriram e publicaram fartamente o extermínio da Canudos de Antônio Conselheiro.

MG QUILOMBO, O QUILOMBO MINAS GERAIS

Ambrósio fosse um branco europeu e, como tal, pessoa corajosa e inteligente, não teria se rendido. Conclui, o racista Carmo Gama, informando que quilombolas que esperavam na fila para serem degolados “*puderam respirar contentes, pelo medo natural da morte de que se viam livres*”⁵⁷.

A seguir, sob a epígrafe “O Tesouro”⁵⁸, Carmo Gama passa a narrar a frustrada caça ao tesouro⁵⁹. Aqui, ficou claríssima a equivocada localização dos acontecimentos no tempo: “*Era já bem tarde, quando o clarim pôs termo à bacanal que seguiu àquela hecatombe, talvez sem exemplo nos anais do despotismo, com que na generosa terra mineira foi celebrada a transição do século dezoito para o século dezenove*”⁶⁰. Grifo nosso.

Dos cerca de seis mil habitantes, restaram vivos apenas cerca de duzentos sobreviventes feitos prisioneiros. Veio a noite e o comandante botou todos para fora, postou guardas, mandou fechar os portões e, de fora, vencedores e prisioneiros esperaram o dia seguinte para iniciar a caça ao grande tesouro do Tengo-Tengo. Passaram a noite nas casinhas que havia em volta da praça de guerra.

Amanheceu o dia. O comandante (propositalmente nunca identificado) a todos acordou e presidiu cerimônia de guerra, lendo leis e outros cerimoniais de praxe. Ordenou a reentrada na praça de guerra. Mandou jogar os mortos nos valos de trincheira e, simultaneamente, mandou destruir muros e casas cujos escombros serviram para cobrir os corpos sepultados no grande valo. Ao mesmo tempo, se procuravam valores e riquezas, bem como, pistas que pudessem levar ao encontro do grande tesouro.

Enquanto isto, o tal “comandante”, acompanhado de Cavaco e de Pedro Rebolo, penetrou na residência ou palácio de Ambrósio a procura do tesouro. Rebolo nunca entrara no palácio e em nada pôde contribuir. O comandante manda vir a sua presença o Manoel Cabinda, antigo guardião do tesouro de Ambrósio.

Cabinda, durante a refrega, por artimanha, pusera a salvo sua mulher Catarina e, ele mesmo, escondeu-se durante a batalha, não se comprometendo, portanto, na luta com os atacantes. Depois disto, caíra nas graças de Feliciano, um dos lugar-tenentes do comandante do ataque (nunca identificado). Por isto estava solto. O autor teve que fazer vários retrospectos para inseri-lo no contexto só fechado posteriormente.

Levado ao comandante no palácio de Ambrósio, Cabinda informou-o de que, realmente o tesouro ficava guardado debaixo do sobrado e que ele, Cabinda, inclusive era o guarda desse tesouro. Porém, depois da fuga de Rebolo, Ambrósio, Cândida, Wruméia e

57 Revista do APM, v. 9, 1904, fasc. 3 e 4, jul/dez de 1904, p. 854.

58 Vide excelente cartilha “*O Segredo do Rei Ambrósio*”, de autoria da prof.^a Maria Salomé Reis Alves de Lima, sobre a verdadeira Lenda do Tesouro de Ambrósio na região do Primeiro Quilombo do Ambrósio, em Cristais-MG.

59 Será que é por isto que muita gente, inclusive Carlos Magno Guimarães, passou a “cavucar” o sítio onde pensavam que ficava o Ambrósio de Ibiá? (Ver jornal “Estado de Minas”, caderno “Gerais-Patrimônio”, de 7 de março de 1999). Anda bem que sempre “cavucaram” no lugar errado!

60 Pergunta: Ora, mas se Carmo Gama tinha a informação de que o Ambrósio fora atacado em 1747(46) e 1758-1760, por que, então, deslocou tanto assim a data? Resposta: Ora, trata-se de uma mera ficção, um contozinho... Pergunta: Mas, a Revista do Arquivo Público Mineiro era, ou é, lugar para se publicarem ficções... contos? Sim; desde que assim o identificasse, mas não o fez. Veja-se que esse folhetim de Carmo Gama foi publicado às páginas 827-866; a matéria anterior, às páginas 795-826 desta mesma Revista de 1904, é exatamente uma carta datada do Gabinete do Estado de Minas Gerais em 18 de abril de 1904, onde Francisco Antônio Salles reafirma várias mentiras históricas ao dr. Xavier de Almeida, Presidente do Estado de Goiás, para justificar o esbulho reinol mineiro de 1815 também sobre o Triângulo Goiano. Ou seja, o APM se deixou mesmo usar para um fim não-nobre.

MG QUILOMBO, O QUILOMBO MINAS GERAIS

Hyunhanguera o haviam transportado em tachas e o esconderam em lugar para as bandas do rio Misericórdia⁶¹, só por eles conhecidos. Com a morte de todos esses personagens ficava, assim, perdido para sempre esse segredo.

A destruição foi geral, restando da procura ao tesouro só escombros e labaredas com enormes rolos de fumaça que a tudo envolvia, narra Carmo Gama, na epígrafe *Terrível Castigo*.

Em epígrafe final, *Retrospecto e Conclusão*, Carmo Gama registrou que os índios dos jesuítas a tudo observavam. Vendo o incêndio ou o ataque, correram para Santana e avisaram os padres.

Os jesuítas esconderam seus tesouros ou os entregaram a irmãos que continuariam incógnitos no País e prepararam a retirada. Lançaram seus ajoujos e embarcações ligeiras nas águas do rio das Velhas (o do Triângulo) e em novo êxodo, desceram-no até ganharem o rio Paranaíba, de onde se internaram pelos sertões do Mato Grosso, de onde só voltariam depois do ano de 1824⁶².

Voltando ao cenário do Tingo-Tingo. O tal “comandante” entrou em desespero. Carmo Gama, em outro longo e erudito retrospecto, figura todo o tumulto da alma do comandante, desfechando com a voz fantasmagórica de Ambrósio, que era a própria posteridade, acusando o comandante e os crimes de sua época, de... tiranos! e... bárbaros!

Não fica por aí o autor. Cria uma nova epígrafe chamada *Terrível Castigo*, onde em vários retrospectos, corrige ou acresce lacunas anteriores de seu texto, as quais, recambiamos para o lugar cronológico onde se deviam localizar no presente texto. E da sequência, a partir daqui, ainda restaram os fatos que abaixo se descreve.

O comandante, com um troço de homens escolhidos, dirigiu-se ao Misericórdia e, em toda a sua extensão, vasculhou tudo, inclusive grutas e cavernas, nada encontrando. Dias se passaram. Nada encontraram.

Na epígrafe *Retrospecto e Conclusão*, esclarece Carmo Gama, que “*logo após a vitória*” foi mandada uma expedição para levar as notícias a Vila Rica. Passando por Itaúna⁶³ a expedição, Caturra desertou - talvez ajudado pelo seu amigo Custódio Coelho Duarte que lá ainda residia (o autor nada diz) - e por lá ficou morando, tornando-se, mais tarde, professor, Caturra foi testemunha presencial desses acontecimentos que, depois, narraria ao Janoário Pinto Moreira, seu aluno, em Itaúna. Janoário tomou nota de tudo em seus manuscritos que, após a sua morte, foram parar nas mãos do padre Euzébio Nogueira Penido que, por sua vez, os repassou ao Carmo Gama, autor do conto ora em análise. Enquanto isto, no cenário dos fatos as coisas continuaram a acontecer. As tropas permaneceriam ainda por mais de três meses na região cenário dos fatos inventados pelo contista Carmo Gama. Esta sequência de pessoas já falecidas, através das quais, o tal “manuscrito” teria chegado às mãos de Carmo Gama, é a falcatrua literária, através da qual, Carmo Gama quis zombar da memória do Rei Ambrósio, para endeusar os “seus” queridos jesuítas.

61 Rio que, como se viu, só passaria a ter esse nome, dado por Inácio Correia Pamplona, após o ano de 1769, dez anos após, portanto, a destruição do último Quilombo do Ambrósio, o de Ibiá.

62 Errado: Fugidos em 1759, esses jesuítas foram para São Paulo e Rio de Janeiro. Outros jesuítas só voltariam ao Brasil, para o Sul, por volta de 1844/1849

63 Mapas de José Joaquim da Rocha e outros, de 1780, mostram que os caminhos que vinham de Araxá para Vila Rica não passavam por Itaúna. Claro que Gama sabia disso. Mas, sem esse absurdo, como é que o manuscrito chegaria às suas mãos? Uma mentira sempre precisa de outras, diz o ditado.

MG QUILOMBO, O QUILOMBO MINAS GERAIS

Descreveu depois que os corpos, mal sepultados nas valas cobertas de entulho, começaram a exalar terrível mau cheiro. O exército atacante recolheu alimentos, matou gado pelos campos, descarnou-o, ajuntou tudo em vasilhames também ali roubados e foi procurar um outro lugar um “tanto” distante, chamado Paraíso, onde montou acampamento ou arranhação.

Registrou ainda que Cabinda, com o dinheiro que tinha guardado, escapou e livrou sua mulher de todos os castigos e suspeitas, caindo nas graças do capitão Feliciano, a quem passaram a servir como empregados. Começaram, assim, a articular grande vingança contra o traidor Pedro Rebolo.

Catarina se insinuou para Pedro Rebolo e, tornando-se sua amante, cuidou de indispor-lo, também contra todos os soldados e oficiais ali acampados. Cabinda simulou ciúmes e, ao mesmo tempo, medo de Pedro Rebolo que era mais forte e mais jovem. Feliciano, penalizado, chamou-o às falas de como suportava aquela situação. Cabinda, simulando fraqueza, disse que daria todo o resto de seu ouro - cuja bolsa sacou e exibiu a Feliciano - caso alguém o livrasse daquela situação. Feliciano, de pronto, aceitou a proposta e tomou-lhe a bolsa. Como se vê, esse negro angolano, também inventado pelo autor racista, além de alcoviteiro de sua própria mulher, era um tremendo covarde.

Continuando, Carmo Gama informa que Catarina, posteriormente, na frente de todos, combinou com Rebolo de encontrarem-se lá no Quartel do Ambrósio que já não fedia tanto; e o autor explica que o comandante havia mandado jogar mais entulho sobre os corpos. Porém, não era tão “tanto” distante do acampamento no Paraíso - conforme registrara o autor - pois o encontro foi marcado para o dia seguinte.

No dia aprazado, mal os amantes se abraçaram, Feliciano e outros homens pegaram e sujigaram o Rebolo. Catarina sumiu e reapareceu paramentada (o autor a descreve) com uma machadinha à cinta, como se vestida para cultos sudaneses⁶⁴. Estava acompanhada de seu marido Manoel Cabinda.

Com Rebolo sujigado ao chão, Catarina se aproxima, entrega sua machadinha ao marido, e passa a desfechar-lhe, na cara, chutes com seu sapatinho de fivela e bico fino, mencionando, a cada chute o nome daquele por quem executava sua vingança: “*Eu sou Ambrósio... eu sou Cândida... eu sou João Wruméia (...) e sou o povo todo a quem mataste pela traição!*”.

Com a machadinha, Manoel Cabinda passou a preparar o instrumento de empalação. Terminado o ritual dos chutes, Rebolo foi preparado e o próprio Manoel Cabinda consumou sua empalação, provavelmente com uma estaca de aroeira ou bambu. (O autor não as especifica). Rebolo morreu gritando e rosnando no maior sofrimento.

Morto Rebolo, Catarina e Manoel Cabinda levaram seu corpo para o mesmo cepo onde Ambrósio e seu povo haviam sido decapitados. Ali, no mesmo cenário, passaram a mutilar o corpo do negro morto: “*Cortemo-lhe os pés para que não vão (sic) mais a Vila Rica nos denunciar; as mãos, para que não façam mais sinais no pauzinho; a língua, para que não fale; as pálpebras, para que tenha abertos sempre os olhos e contemple o mal que nos fez*”. Assim, consumaram a sua vingança: um negro angolano matando outro.

Rebolo “sumiu” do acampamento e ninguém nunca mais tocou no assunto ou no seu nome, dado a que Cabinda subornara ainda mais o capitão Feliciano e aos soldados que o haviam ajudado na vingança. Termina assim esse tópico.

64 No entanto, mais 99% dos quilombolas de todo o Campo Grande eram bantus, de Angola, Moçambique etc.

MG QUILOMBO, O QUILOMBO MINAS GERAIS

Em epígrafe específica, chamada *Retrospecto e Conclusão*, o autor procura aparar as arestas e explicar melhor fatos anteriores que não foram abordados no texto até aqui descrito. Da mesma forma, recambiamos cada fato para o seu devido lugar na cronologia lógica dos acontecimentos narrados.

Feliciano e seus homens permaneceram por três meses no sertão, após a partida do comandante e parte das tropas. Retornadas as tropas a Vila Rica, Manoel Cabinda e sua mulher Catarina, reconhecidos pelo seu ex-dono (jesuíta que vivia disfarçado de leigo) recobram sua liberdade. Uns quilombolas foram devolvidos a seus donos. Outros, foram vendidos como escravos em hasta pública. Uai! Mas, não haviam sido todos mortos?

No verdadeiro ataque de 1759, as tropas de Bartolomeu Bueno do Prado, não atacaram o Segundo Quilombo do Ambrósio que encontraram evacuado, mas apenas o Quilombo da Pernaíba, situado a norte da atual cidade de Patrocínio. Depois atacaram também os quilombos do Bambuí, o do Indaiá e outros achados vazios. Voltaram para o seu acampamento no Piumhi e, dali, partiram para o ataque a mais de 14 outros quilombos situados na região do então chamado Sapucaí, num total de cerca de 20 quilombos. Mas, claro, ridicularizando o Rei Ambrósio como ridicularizou, Carmo Gama tinha que reduzi-lo a chefe de um quilombinho-fazenda de escravos e não de uma confederação.

De tudo isto, ao final, no texto de Carmo Gama, veem-se como vencedores os jesuítas. Diz que, depois de 1824⁶⁵, após a promulgação da Constituição do Império, esses padres, disfarçados de leigos, foram voltando. Tinham, em seus livros, manuscritos e mapas, os locais exatos onde haviam enterrado ou escondido cada tesouro. Assim, descobriram e desenterraram todos esses tesouros que voltaram a pertencer à Companhia de Jesus. Apareceram em vários pontos do sertão mineiro, humildes, bobinhos. Ficavam algum tempo e, depois, assim como tinham surgido, desapareceram misteriosamente.

Em desfecho final, Carmo Gama dignifica a Abolição, a República e a Constituição Republicana que consagrara que *todos são iguais perante a lei*⁶⁶. O total de folhas do texto consignado na *Revista*, (p. 827-866), é de 40 páginas, que resumimos, no presente, em menos de 20 páginas, sendo, a maioria, as nossas glosas.

Este artigo passou a ser mais uma forja dos falsos pressupostos da interpretação que até hoje os historiadores, principalmente os racistas, têm dado à História dos Quilombos do Campo Grande.

Este estudo foi por nós disponibilizado na Internet em 10 de março de 2002.

Acresçamos-lhe que os inimigos da verdade que buscamos por mais de vinte anos, além de serem antigos, sempre estiveram entranhados ao poder reinol mineiro⁶⁷.

Como denúncia da má intenção de se “transformar” o conto *QUILOMBOLAS Lenda Mineira Inédita* em História “Oficial”, pode-se aferir, antes deste conto, às páginas 795-826 da mesma *Revista do Arquivo Público Mineiro* de 1904, a matéria “*Questão de limites entre os Estados de Minas e Goiás*”, transcrevendo carta-resposta datada do Gabinete do Estado de Minas Gerais em 18 de abril de 1904, onde o Presidente de Minas, Francisco Antônio Salles reafirmou e reinventou várias mentiras históricas sobre o Quilombo do

65 Ora, a Cia. “*Restabelecida oficialmente pela Santa Sé em 1814, voltou ao Brasil em 1845, onde floresce de novo em (...)*”- *Breve História da Companhia de Jesus no Brasil*, Serafim Leite, S.J., Livraria A I Braga, Portugal, p. 233.

66 Claro, menos em seu contozinho racista.

67 Vide nosso livro “*Quilombo do Campo Grande: Ladrões da História*”.

MG QUILOMBO, O QUILOMBO MINAS GERAIS

Ambrósio ao dr. Xavier de Almeida, Presidente do Estado de Goiás, para justificar o esbulho reinol mineiro de 1815 sobre o Triângulo Goiano que virou Mineiro.

Assim, por exemplo, ao contrário do que “pensou” o orientador da colega Márcia Amantino⁶⁸ no seu trabalho de doutorado perante a UFRJ⁶⁹ sobre este conto de Carmo Gama, o real problema está, sim, localizado não só na falsidade dos fatos, mas também na evidência da intenção não-nobre da publicação, como denuncia a sequência de matérias na mesma revista de 1904. Além do mais, em que nos ajudaria no entendimento da vida quilombola o estudo de fatos ficcionais? Quilombo é uma fazenda de escravos? Ambrósio foi um senhor de escravos? Essa tese de Márcia Amantino tem outros erros pueris muito mais inaceitáveis. Mas, ela não está sozinha. Outros historiadores cometeram erros bem piores, destacando-se Waldemar de Almeida Barbosa⁷⁰. Como se vê, é a universidade pública e sua fábrica de mestrados e doutorados. Precisamos repensar tudo isto.

Precisamos acertar as contas com o nosso passado e com a nossa universidade pública. Ou nunca teremos uma História.

Continuando nossos estudos, concluímos que esse conto se insere a um conjunto de publicações feitas pela Revista do APM com vistas a dar sustentação às mentiras consolidadas na Carta da Câmara de Tamanduá à Rainha, em 1793, na seguinte sequência:

1847, publicação da citada Carta de Tamanduá, sem qualquer glosa, como pediam os estatutos do APM e de sua Revista, documento 100% ideologicamente falso.

1904, requerimento dos moradores de Araxá, pedindo a anexação do Triângulo à Província de Minas Gerais.

1904, mesma revista, artigo “Questões de Limites” entre os Estados de Minas e Goiás, querendo abocanhar mais um pedaço do território de Goiás.

1904, mesma revista, publicando, como se história fosse, o folhetim de Carmo Gama, acima resumido e glosado.

1988, Cadernos de Arquivo I, pp. 45-46, confirmando a mentira de que o Ambrósio de 1746 também se localizava em Ibiá, além de outras desinformações absurdas.

1998 - Processo IPHAN, fomentado pelo então secretário de Cultura, Ângelo Oswaldo de Araújo Santos, efetuando o tombamento do sítio de Ibiá, como se ali fosse o Ambrósio de 1746 que, na verdade, este é o Primeiro, o de Cristais-MG.

Glosamos esse conto de Joaquim do Carmo Gama também em nossos livros “*Quilombo do Campo Grande: História de Minas que se devolve ao povo*”, hoje na terceira edição (2018) e “*Roubando a História, matando a Tradição: Carta da Câmara de Tamanduá à Rainha - 1793*”, de 2017, ambos publicados pela MGQUILOMBO Editora Ltda. Este último, além disso, provou que a tal Carta da Câmara de Tamanduá é um documento 100% ideologicamente falso e que o conto de Joaquim Carmo Gama, na verdade, não só é um conto racista, como também foi utilizado pelo governo mineiro para, mais uma vez, tentar enganar o governo de Goiás, com vistas esbulhar mais um pedaço de seu território.

São Paulo, 2002 e 2018 e 2022

Tarcísio José Martins

Historiador

Advogado OAB/SP 77.521

68 Professor doutor Manolo Garcia Florentino.

69 “*O Mundo das Feras: Os Moradores do Sertão Oeste de Minas Gerais - Século XVII*”, p. 16 do exemplar em CD-ROM.

70 Vide artigo “DOIS Quilombos do Ambrósio. Um em Cristais-MG outro em Ibiá-MG” no site do MGQUILOMBO.